

Domingo XI do Tempo Comum – ano B

– 16 de junho de 2024 –

1 – Vivemos um tempo de paradoxos, de dúvidas e interrogações, de extremismos. Os extremos tocam-se pela agressividade, pela violência, pelos fundamentalismos ideológicos, políticos ou religiosos. Criam barreiras que separam, deixando de fora os que não partilham os mesmos ideais e os mesmos métodos, isolam os mais fracos, os que têm menos recursos e menor capacidade de reagir.

Em todos os campos da vida humana há novidades, avanços, desafios e a tentação de superar todos os limites, em defesa de uma pretensa liberdade absoluta, colocada antes da pessoa, da vida, da dignidade. Têm-se acelerado, multiplicando, os avanços técnicos, os meios de comunicação social e de locomoção, a medicina, a indústria, a mecanização da agricultura. A vida está amplamente facilitada. Todavia, há o reverso da medalha: a exclusão social; a exploração no trabalho, em muitos casos trabalho escravo de adultos, mas também crianças; bairros de lata e de dependências várias; comércio de armas e tráfico de pessoas e de órgãos humanos; escassez de água e de pão para milhões de pessoas. Uma multidão infindável sem acesso à habitação, à cultura, à educação, abaixo do limiar da pobreza.

Também em Portugal estes desequilíbrios sociais e económicos se têm acentuado ao longo do tempo. Há responsabilidade de todos, dos próprios, quando tiveram oportunidades, mas sobretudo daqueles que ao longo das gerações têm o poder político e económico para melhorar a vida de todos. As crises económicas só acentuam as discrepâncias, quais "injeções de cavalo", quem tem forças sobrevive e sai fortalecido, quem não aguenta é excluído, morre! Somos todos responsáveis por todos!

A OCDE, num relatório de 2018, dizia que *«a mobilidade de rendimentos de uma geração para a seguinte, bem como o nível de desigualdade salarial em Portugal, pode demorar cinco gerações para que as crianças de uma família na base da distribuição de rendimentos consigam um salário médio»*. Quem nasce pobre dificilmente enriquece, só passados 125 anos um descendente de famílias pobres consegue obter um salário médio! Preocupante! É muito triste e pode gerar revolta!

2 – Sabiamente, o Papa Bento XVI, no início do seu ministério petrino (24/04/2005), falava nos desertos exteriores que se multiplicavam (guerra, violência, fome...) e nos desertos interiores que se acentuavam, com a perda de sentido: vazios existenciais, dúvidas, cansaço, havendo cada vez mais pessoas a não saber qual o seu lugar no mundo. Por outro lado, Deus já nem é questionado, está esquecido ou secundarizado! É um risco que corremos também na Igreja: viver como se Deus não existisse, ou como se não fosse importante, ou só importasse no fim da vida ou nos apertos da vida!

Os santos experimentaram o que se apelida de noite de fé. Santa Teresa de Calcutá é a mais recente de um número de santos que se questionaram e questionaram Deus no confronto com uma realidade avassaladora de miséria, de exclusão, de sofrimento "inocente"! Santa Teresinha do Menino Jesus deparou-se com a doença "mortal", protestando com Deus, tal como Job: que mal tinha feito para que Deus permitisse tão grande sofrimento?! As respostas nem sempre são clarividentes e muitas vezes levam a novas perguntas. Para Santa Teresinha, a esperança pode falhar, a fé em Deus também, mas o caminho seguro para Deus será o amor. Assim Santa Teresa de Calcutá prossegue com a sua "noite da fé", sujeita a muitas interrogações, mas não vacilando na hora de amar Jesus em cada pessoa a cuidar.

3 – Jesus desafia à confiança em Deus: *«O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga. E quando o trigo o permite, logo se mete a foice, porque já chegou o tempo da colheita»*.

Numa leitura apressada dá a ideia que o trabalho humano (e braçal) é dispensável. Jesus é uma pessoa ligada à terra. As famílias sobreviviam à custa do trabalho de todos os seus membros, podendo ter alguma arte, como seria o Seu caso, mas disponíveis para fazer o que fosse necessário.

O homem lança a semente à terra! Antes disso é preciso cavar, ajeitar a terra e eliminar as ervas ruins, cavando mais fundo. No caso do trigo e do centeio é semear e deixar crescer... até chegar o tempo de cortar! Pelo meio, outros cuidados! Logo nos primeiros dias é necessário estar atento afastando as aves para que não comam as sementes visíveis ou esgravatem na terra à procura das que estão mais fundas! Por isso se colocam espantalhos! É preciso vigiar ratazanas e cava-terras que luram a terra e danificam a sementeira. Se antes há cuidados, depois é preciso "malhar" ou debulhar, separando o trigo da palha, aproveitando um e outro. O trigo será moído, obtém-se a farinha, e coze-se o pão!

4 – Na segunda parábola, Jesus clarifica e acentua a confiança em Deus. Quando esmiuçamos uma parábola devemos ver os diferentes enfoques, colocando-nos como destinatários e intervenientes. Porém, as parábolas têm também um enquadramento, uma mensagem geral, que se capta do seu conjunto. O Reino de Deus *«é como um grão de mostarda, que, ao ser semeado na terra, é a menor de todas as sementes que há sobre a terra; mas, depois de semeado, começa a crescer e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra»*.

A oração inicial provoca-nos à mesma confiança: *«Deus misericordioso, fortaleza dos que esperam em Vós, atendei propício as nossas súplicas; e, como sem Vós nada pode a fraqueza humana, concedei-nos sempre o auxílio da vossa graça, para que as nossas vontades e ações Vos sejam agradáveis no cumprimento fiel dos vossos mandamentos»*.

A benevolência de Deus chama-nos à vida e sustenta-nos neste mundo que Ele nos dá como chão e como casa, atendendo às nossas súplicas, mas implicando-nos na transformação de todas as realidades que estejam longe ou desfasados do reino de Deus que não é apenas uma realidade futura, mas está aí, está aqui, na história e no tempo. Jesus encolheu a eternidade e estendeu o tempo, encurtou as distâncias que nos separam de Deus e da eternidade. Ele veio, em Pessoa, viver connosco. Não veio viver por nós, mas viver como um de nós. Assumindo-nos, para que com Ele possamos aprender, crescer, e O assumamos na nossa vida, criando as condições para que a semente em nós semeada possa germinar.

5 – Deus, que nos criou por amor, não cessa de Se manifestar através das gerações, dando-nos sinais, enviando-nos mensageiros. Ezequiel, num tempo de grande adversidade, traz ao Povo da Primeira Aliança as Palavras de Deus e os Seus desígnios. Deus não desiste da planta, pois fará surgir um rebento novo, arrancá-lo-á e plantá-lo-á na excelsa montanha de Israel e este rebento *«lançará ramos e dará frutos e tornar-se-á um cedro majestoso. Nele farão ninho todas as aves, toda a espécie de pássaros habitará à sombra dos seus ramos. E todas as árvores do campo hão de saber que Eu sou o Senhor; humilho a árvore elevada e elevo a árvore modesta, faço secar a árvore verde e reverdeço a árvore seca. Eu, o Senhor, digo e faço»*.

Das palavras do Senhor depreende-se também a Sua onipotência. Deus pode renovar todas as coisas. Antecipa-se aqui o cântico de Nossa Senhora: o Senhor levanta os caídos e derruba os poderosos dos seus tronos!

O salmo faz-nos também cantar esta certeza: *«O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano; plantado na casa do Senhor, florescerá nos átrios do nosso Deus. Mesmo na velhice dará o seu fruto, cheio de seiva e de vigor»*. Mesmo quando a barca irrompe pelo mar encapelado, Deus vela por ela e não a deixa afundar.

6 – Paulo lembra-nos, novamente, que não há dois mundos intransponíveis entre si, mas há tempos diferentes e em cada tempo nos cabe viver de acordo com a Palavra de Deus. Porquanto vivemos como exilados, caminhamos, contudo, à luz da fé, mas não ainda da visão clara. Estamos cheios de confiança no Senhor, empenhemo-nos *«em ser-Lhe agradáveis, quer continuemos a habitar no corpo, quer tenhamos de sair dele. Todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que receba cada qual o que tiver merecido, enquanto esteve no corpo, quer o bem, quer o mal»*.

Nesta como em outras missivas, o Apóstolo transparece o seu despojamento e "indiferença" diante do que Lhe pode acontecer. Entenda-se, aproximando-se a hora da morte, de bom grado partirá para a visão clara de Jesus Cristo, para o encontro definitivo com Ele, face a face. Porém, se ainda não é a hora de partir, importa viver o melhor possível, treinando-se já para a vida futura. Se é mais útil estar no mundo, confessa, então que a sua vida seja oportunidade de mais pessoas conhecerem Jesus e aderirem ao Seu Evangelho de amor!

Pe. Manuel Gonçalves

Textos para a Eucaristia (ano B): Ez 17, 22-24; Sl 91 (92); 2 Cor 5, 6-10; Mc 4, 26-34.